

# ANGOLA: CAUSAS DA GUERRA CIVIL NO CONTEXTO POLITICO, ECONOMICO E CULTURAL

Alef Guilherme Zangari da Silva  
David Teodoro Ohashi Lopes  
Universidade Estadual de Maringá (CRV)

**Resumo:** O fio condutor desse trabalho é discutir a questão econômica de Angola e analisar as ideologias dos partidos angolanos (FNLA, MPLA e UNITA). Buscaremos mostrar que existe uma forte influencia da ideologia socialista nesse país, assim como mostraremos também que, no que tange a economia, ocorre na Angola algo totalmente diferente do que se passa na África do Sul - país apoiado pelos EUA e de economia mais aberta.

**Palavras-chave:** economia; guerra civil; Angola.

## 1. Introdução

O presente artigo busca a compreensão sobre o atual estado político, cultural e econômico de Angola, país localizado na África. Após sua independência em 1975, a Angola passou por uma longa guerra civil, onde movimentos nacionalistas passaram a lutar entre si pelo controle político do país.

Há a necessidade de estudar o contexto no qual ocorreu o conflito, observando fatores econômicos e não econômicos, e principalmente ideológicos. O conflito, iniciado em 1975, perdurou até o ano de 2002. Durante os 27 anos de guerra civil, o país passou por uma degradação na sua estrutura política econômica e social, o que o levou a um estado de crise extrema, pobreza e miséria. Há a necessidade de estudar o contexto no qual ocorreu o conflito, observando fatores econômicos e não econômicos, e principalmente ideológicos. O conflito, iniciado em 1975, perdurou até o ano de 2002. Durante os 27 anos de guerra civil, o país passou por uma degradação na sua estrutura política econômica e social, o que o levou a um estado de crise extrema, pobreza e miséria.

Na tentativa de entender a atual conjuntura política de Angola, procuramos estudar os movimentos de libertações que posteriormente viriam a se tornar os principais partidos políticos daquele país.

Entre as décadas de 50 e 60 se destacaram três partidos: Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) que surgiu em 1962 ( que tinha o apoio da República Democrática do Congo, na época Zaire, China); o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que foi fundado em 10 de Dezembro de 1956, por José Eduardo dos Santos, atual presidente de Angola e contava com apoio da União Soviética e, principalmente, de Cuba; e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), fundada em 1966, por Jonas Malheiro Sidônio Savimbi( a UNITA contava com o apoio da África do Sul e EUA).

---

## 1.1 Contexto histórico de Angola

Os portugueses, no século XV, conquistaram a região do Zaire, incluindo Angola. O primeiro passo da coroa portuguesa foi estabelecer uma aliança com o Reino do Congo, que dominava toda a região. Os portugueses instalaram-se na região de Angola e em 1576 fundaram São Paulo da Assunção de Luanda, a atual capital Luanda. Nesse contexto Angola transformou-se no principal mercado abastecedor de escravos para as plantações de cana-de-açúcar do Brasil.

Em 1500 Portugal descobriu a Ilha de Vera Cruz e decidiu colonizar o território devido a grande quantidade de terras produtivas. Em Angola ocorreu o contrário: Portugal apenas estabeleceu feitorias no litoral.

Com a independência do Brasil a coroa portuguesa se volta para Angola e Moçambique. A colonização efetiva do interior de Angola só se inicia no século XIX. Angola passaria por uma nova fase:

Em 1914 a produção cana-de-açúcar era cerca de 6.700 toneladas, a partir de 1930 a produção atingiria 39.433 toneladas. A produção de sisal em 1920 era de pouco mais de 62 toneladas, mas em 1973 atingiria 53.499 toneladas. Já o cultivo de café, abre um novo ciclo econômico em Angola. Em 1900 as exportações giravam em torno de 5.800 toneladas, em 1972 foram registados o número de 218.681 toneladas. Neste período também se desenvolve a exploração de pedras preciosas, especificamente diamantes, e também a exploração do petróleo. Toda essa evolução econômica se passava enquanto Angola era colônia de Portugal.

Em 1948 foi elaborado um plano de urbanização de Benguela, devido ao crescimento da indústria pesqueira, com a farinha de peixe, que ganhou força após uma queda no comércio de sisal. A costa de Benguela era um manancial autêntico e o peixe tinha grande aceitação comercial, fomentando a cobiça nos imigrantes que, com o lucro, começaram se fixar na região, construindo casas e prédios (ANGOLA, 2010).

No período de 1941 e 1950, saíram de Portugal cerca de 110 mil imigrantes com destino às colônias, sendo que esse fluxo prosseguiu nos anos 50 e 60 e a maioria se fixou em Angola. Angola recebeu do Brasil o maior contingente de imigrantes brancos, vindos principalmente de Pernambuco. Estes imigrantes desenvolveram principalmente plantações de cana de açúcar (FERRO, 1999).

De fato a nação de Angola se encontrava melhor estruturada antes da independência com Portugal. Essa realidade confronta-se com o discurso dos líderes revolucionários de países africanos, que sustentam ser a culpa de todos os problemas da África o imperialismo.

Mas alguns historiadores não pensaram desta maneira. Eles explicam que Hong Kong foi colônia inglesa até 1997 e em 2010 tinha um índice de (IDH) muito elevado, era o vigésimo primeiro entre cento e sessenta e nove países. No sentido contrário, a Etiópia nunca foi colônia, e sua economia é menor que muitos países da África que foram colonizados por alguns países europeus. Portanto, para alguns historiadores, o principal problema de Angola não foi o colonialismo, mas a disputa entre seus partidos para decidir quem ficaria no comando do país:

Antes dos países africanos se tornarem independentes na década de 70, havia na África nos anos 60 uma infraestrutura já consolidada. Havia mais escolas, leitos de hospitais, comida e africanos alfabetizados que vinte anos depois. (Narloch, 2013.p.279)

Antes da independência, a prosperidade do povo angolano só aumentava, a economia de Angola estava em seu auge. Com isso filhos de angolanos ricos, passaram a ir estudar em outros países e trouxeram em suas bagagens a mentalidade revolucionária típica do Ocidente:

Desse ponto de vista, o que realmente acabou com a África, foi mesmo a Europa – não o imperialismo, mas um punhado de ideias erradas exportadas por europeus. (Narloch, 2013.P.285).

De acordo com os relatos de Cascudo (1979), vários movimentos populares de libertação surgiram em Angola nas décadas de 50 e 60, sob as mais variadas siglas, mas com o passar do tempo esses movimentos sofreram diversas transformações, gerando conflitos internos entre eles próprios. Esses movimentos é que deram origem aos partidos políticos de Angola. Em suas palavras:

O branco angolano, de nascimento ou de coração, sentia-se diante do seguinte dilema: de um lado, o MPLA, marxista, comunista, mas com o apoio da Metrópole. Do outro, a FNLA, anticomunista, pró-Ocidente, nacionalista, mas formada pela antiga UPA, que "massacrara os brancos de 1961", os "sanguinários tribalistas do Norte". Portanto, os brancos preferiam o meio termo, nem o marxismo de Agostinho Neto, nem o poder da força do Holden Roberto, o tribalismo negro. Surgia, assim, a UNITA. (CASCUDO, 1979, p. 28).

O pós II Guerra Mundial, décadas de 50 e 60, foi um marco em termos de descolonização da África, com mais de cinquenta colônias se tornando nações independentes.

A independência de Angola foi agendada e acordos foram estabelecidos - porém foram quebrados pelos partidos envolvidos, acarretando dificuldades para a conclusão do processo de forma harmônica. Como por exemplo, o tratado de Alvor, onde seria constituída uma Força conjunta, composta por um efetivo de 1.000 homens de cada movimento de libertação e igual efetivo da tropa de Portugal, em Luanda, para garantir a segurança da população (o restante do efetivo deveria ser desmobilizado). Esse acordo não foi cumprido, já que os três movimentos mantiveram suas tropas em condições de combate, inclusive recebendo apoio de outros países.

Angola é mais um exemplo de "palco da Guerra Fria", que envolveu o mundo pós-guerra. Com sua independência Angola foi tomada por uma guerra civil, fomentada a partir da existência de várias etnias, as quais eram rivais e tinham apoio de países com ideologias diferentes. Essa interferência externa tinha como objetivo, além das riquezas minerais, o domínio sobre o território angolano, devido à sua posição geográfica.

Nesse contexto Angola era um país, mas não uma nação, pois havia muitas diferenças culturais entre as tribos rivais. Os três partidos que lutavam

pela independência, passariam a lutar entre si pelo controle do país. Vejamos o relato de Cascudo:

Na manhã do dia 10 de novembro, o Alto-Comissário Leonel Cardoso reuniu a imprensa angolana e os correspondentes estrangeiros em Luanda, para sua derradeira entrevista. Passou o poder aos responsáveis do MPLA. Afirmava, em seu discurso, que "deixava Luanda entregue à vontade do seu povo". Após quatro séculos de domínio sobre Angola, após criar, em África, as bases de uma civilização e de uma cultura ocidentais, após vencer as barreiras do tempo e das distâncias, Portugal deixava a terra que colonizou, pela porta dos fundos, numa pequena lancha, que transportava o Sr. Alto-Comissário para bordo de uma fragata, na baía de Luanda, onde, onde ainda tremulava, palidamente, na popa, a bandeira portuguesa... (CASCUDO, 1979, p. 130).

A guerra civil de 26 anos causou significativos danos às instituições políticas e sociais do país. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD, 1998), cerca de 10 milhões de minas terrestres foram espalhadas pelo território nacional, prejudicando a agricultura e a pecuária. Para Guide (2009), Angola pagou pela guerra civil um preço que extrapolou os interesses nacionais, por interferência da "guerra fria", o que causou muitas vítimas diretas e indiretas, perda de oportunidades de crescimento e de avanços sociais. Estima-se que cerca de 300.000 pessoas foram mortas na guerra civil.

A guerra civil segundo dados oficiais durou 26 anos, mas segundo o jornalista José Resende Junior, a guerra civil angolana teve uma duração de 38 anos e neste período Angola gerou milhões de tragédias. Foram dois milhões de mortos, 1,7 milhões de refugiados, milhares de órfãos, 200 pessoas mortas de fome por dia. Para o referido jornalista, a duração da guerra foi bem maior que o divulgado pelas autoridades, já que a população continuou sofrendo os horrores do pós-guerra. Muitas minas continuam ativas e, portanto continuam matando civis inocentes em território angolano.

Angola tem 11 milhões de habitantes. Teria também, segundo cálculos pessimistas, 11 milhões de minas semeadas ao longo de quatro décadas de guerra (embora o governo admita a existência de, no máximo, 8 milhões). Logo, haveria uma mina à espera de cada angolano. Conceição Arbana encontrou a sua numa manhã de 1996, quando colhia mandioca na província de Kuanza-Norte. Tinha 16 anos e adorava dançar kizomba, que está para os angolanos como a salsa para os cubanos. Chorou muito quando acordou no hospital sem a perna esquerda. Internada no centro de reabilitação que o governo mantém na cidade de Viana prepara-se para receber uma prótese e aprende corte e costura. Mas não vai mais dançar. E desistiu de namorar. (Resende, 1999)

Walter (2007) faz uma relação importante entre os gastos com a defesa nacional devido à guerra e a perda de investimentos em outros setores importantes.

Ao longo dos anos, as grandes despesas com a defesa e a segurança desviaram os dinheiros públicos dos setores sociais, em especial da educação e da saúde, e das infraestruturas básicas, como as estradas e o abastecimento de água. Todos eles sectores cruciais para o crescimento econômico, criação de emprego, redução da pobreza e o crescimento do bem-estar dos humanos. Porém, conquistada a paz, é visível uma melhoria substancial no ambiente econômico e social (WALTER, 2007, p.75).

De uma forma geral, podemos dizer que os processos de reconstrução são lentos. É certo que o país ficou num caos e só há bem pouco tempo começou a ocorrer à recuperação da economia. Segundo George Ayittey a ideologia estrangeira socialista falhou miseravelmente em todo lugar que foi implementada na África. (Ayittey, 20013).

## **2. Objetivo**

Nosso principal objetivo, com esta pesquisa, é compreender a importância das ideologias partidárias no processo de desenvolvimento da economia angolana após sua independência.

## **3. Conclusão**

A nossa opinião é de que logo após a independência dos países africanos seus governantes deveriam ter adotado a prática do livre comércio. Mas, na época em que esses países eram ainda colônias e a economia de seus colonizadores criavam determinadas oportunidades, muitos filhos de africanos beneficiados com o momento econômico da época, foram estudar na Europa e voltaram aos seus países de origem com uma mentalidade revolucionária, alegando que seus países eram explorados por seus colonos. Para esses futuros líderes, a independência era o melhor caminho a ser percorrido pelos africanos. Mas com a não adoção de uma política baseada no livre mercado, a economia africana foi muito prejudicada, impedindo, assim, o desenvolvimento econômico, político e cultural dessas sociedades.

Tal nova mentalidade, aliada aos costumes tribais rivais, desencadeou constantes combates internos, impedindo que esses países viessem a se desenvolver, não apenas como país propriamente dito, mas como uma nação.

O afastamento da Europa provou um profundo sentimento de triunfo nas terras libertas, mas, em muitos casos, tal alegria durou pouco. Antes do fim do século, vários analistas concluíram que muitos povos africanos e asiáticos eram mais maltratados por seus novos líderes do que pelos antigos. (Blainey, G, 2005, p.192).

Nesta conclusão é importante ressaltar que a relevância desse artigo está no fato de chamar a atenção para a falta de uma política voltada para o livre comércio na Angola. Buscamos mostrar que os desastres da sociedade angolana não se devem, como a quase totalidade da historiografia sustenta, ao fato de ela ter sido colônia de Portugal, mas sim devido às escolhas ideológicas

equivocadas que semearam o ódio entre as classes e inviabilizaram as bases para o desenvolvimento econômico desse país.

#### 4. Referencias bibliográficas

**ANGOLA.** Disponível em: [http://www.indexmundi.com/es/angola/ACESSO EM 04/10/2013](http://www.indexmundi.com/es/angola/ACESSO_EM_04/10/2013)

**ANGOLA.** Disponível em: [http://www.unesco.org/new/en/unesco/worldwide/africa/angola/ACESSO EM 20/09/2013](http://www.unesco.org/new/en/unesco/worldwide/africa/angola/ACESSO_EM_20/09/2013)

**ANGOLA.** Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-13036732> acesso em 20/09/2013

**ANGOLA,38 ANOS DE GUERRA.** Disponível em: <http://www.ioserezendejr.jor.br/reportag/angola.htm> ACESSO EM 05/11/2003.

AYITTEY, George. **AFRICA BETRAYED**,ST MARTIN S ,1922.PÁGINA 121.  
Blainey, Geoffrey. **UMA BREVE HISTÓRIA DO SÉCULO XX.** Austrália: Fundamento. 2005.

CASCUDO, Fernando Luiz da Câmara. **Angola: A guerra dos traídos.** Rio de Janeiro, Bloch Editores S A, 1979.

FERRO, Marc. **História das Colonizações: das conquistas às independências – séculos XIII a XX.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

**GUERRA CIVIL E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO EM ANGOLA.** Disponível em: <http://www.nee.ueg.br>ACESSO EM 20/11/2013.  
NARLOCH, Leandro. **Guia Politicamente da História do Mundo.** São Paulo